CENTURIÃO
BIMESTRAL | DEZEMBRO 2017 centuriao.castrense@gmail.com | Diretor: P. FERNANDO MANUEL AFONSO MONTEIRO | Ano XXXIII | n.º 5

Mensagem de Advento/Natal:

Comprometidos com a história e com o Reino de Deus

Caríssimos homens e mulheres que servis as Forças Armadas e as Forças de Segurança, entramos numa altura do ano religioso deveras importante. Denomina-se Advento/Natal. É o início de um novo ciclo litúrgico, pois, para nós, a novidade absoluta começa com a vida física de Jesus. Mas é também o tempo novo da história, já que o Salvador não entrou nela para que tudo continue igual. Permiti uma breve reflexão sobre este tema.

1. A palavra advento significa «vinda» e natal, simplesmente, «nascimento». É a vinda de Jesus à história da humanidade mediante o seu nascimento como qualquer bebé. O que é sempre encantador. Daqui a ternura, a familiaridade, o enlevo com que celebramos o Natal.

Mas a Igreja convida-nos não tanto a olhar para o passado, mas a descobrir, hoje, os sinais da presença do Filho de Deus. Chama-nos a confrontar este nosso tempo com a mentalidade que se vivia há dois mil anos, quando Ele nasceu. E que descobrimos? No domínio das tecnologias e do saber, uma alteração fulgurante. E no âmbito mais especificamente humano dos valores, da liberdade responsável, da fé como projecto de vida, da sociedade como família? Também aqui muito mudou, de facto. Mas não poderíamos estar bem melhor?

2. O problema põe-se aqui. O Advento é muito comprometedor para nós, os crentes, pois nos responsabiliza nesta tarefa de tornar mais humano o nosso mundo, de o fazermos mais habitável. O nosso mundo é uma espécie de um berço para todos os homens e mulheres. Entre todos está Jesus Cristo. E este berço é digno d'Ele? Se for digno d'Ele também o é para nós. Mas tenho medo que o não seja. Ou, pelo menos, poderia ser bem mais digno do que é.

É verdade que o Salvador, ao assumir a nossa condição humana, se sujeitou às negatividades deste mundo. É certo que o que Ele veio fazer é melhorá-lo, humanizá-lo, divinizá-lo. Aliás, como Ele mesmo dizia: "*Eu vim para que tenham a vida e a tenham em plenitude*" (Jo 10, 10). Só que, nesta tarefa, Ele não quer estar sozinho: reclama a nossa participação.

CONTINUA NA PÁG. 10

No Norte: resgatar os defuntos do esquecimento

A 7 de Novembro, a vetusta Sé do Porto encheu para a Missa de sufrágio pelos militares e polícias já falecidos.

Este ano, a organização coube à Guarda Nacional Republicana e ao seu Capelão do Norte, P. Arménio Almeida. Uma verdadeira multidão de fiéis, proveniente de todos os Ramos das Forças Armadas, incluindo a Autoridade Marítima Nacional, das duas Forças de Segurança, com os seus actuais e antigos Comandantes à frente, e da Liga dos Combatentes, ocupou a totalidade dos bancos desta igreja. Era da GNR a guarda de honra ao altar, bem como o excelente coro e instrumental e o terno de clarins. Os distintos guiões dispuseram-se na capela-mor. Concelebraram com o senhor bispo os capelães Adjuntos e os capelães do Norte, bem como o responsável pela Sé, Cón. Amadeu.

D. Manuel Linda sublinhou a sua vontade de estender ao Norte as grandes celebrações que já se realizam em Lisboa. Concretamente uma por alturas da Páscoa e esta dos Fiéis Defuntos, que diz tanto à religiosidade popular e, ainda mais aos militares e polícias, habituados a um forte entrosamento laboral com os seus camaradas, o denominado «espírito de corpo».

A propósito desta celebração propriamente dita, ressaltou a necessidade de «resgatar» os defuntos do esquecimento. E frisou: "*A nossa sociedade esquece. E esquece «voluntariamente». Doutra forma, não se compreenderiam, por exemplo, as dezenas ou centenas de pessoas abandonadas nos hospitais por filhos e outros familiares que dão moradas falsas para não virem a ser importunados com esses «pesos». Se assim «esquece» os vivos, certamente muito mais o fará com os mortos. Mas, na sua pedagogia, a Igreja vem lembrar-nos que fica bem uma flor sobre a sua sepultura, um gesto de agradecimento e até uma lágrima derramada. Mas é muito melhor uma oração balbuciada, uma grande celebração, como esta, que exprime fé, saudade e intercessão pelos nossos defuntos: Deus os receba no seu reino. É esta oração que sempre teremos presente nos nossos lábios e no nosso espírito*".

Pelo teor dos comentários, as Forças Armadas e as Forças de Segurança do Norte comprometem-se com esta celebração, organizada de maneira rotativa.

Na FA: aceitar a ajuda de uma mão amiga

Como é tradicional, no dia 2 de Novembro, a família da Força Aérea juntou-se para sufragar os seus defuntos, aqueles que muito contribuíram para este prestigiado Ramo seja o que é. A celebração aconteceu na sua igreja, em Benfica. Presentes o Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, o Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, o Chefe da Casa Militar da Presidência da República, diversos antigos CEMFA's, vários oficiais generais, incluindo representantes da Marinha, Exército e Guarda, oficiais, sargentos, praças e civis que lotaram completamente esta grande e bela igreja.

Para além do estandarte nacional, estavam presentes os guiões de todas as Unidades, Órgãos e Serviços da FA, o costumado terno de clarins e guarda de honra ao altar. Os cânticos estiveram a cargo do Coro da Academia da Força Aérea, este ano bastante aumentado. No final, D. Manuel Linda, que presidiu, enalteceu estes elementos tão tipicamente militares que muito dizem às pessoas, particularmente quando as celebrações são televisionadas.

Na homilia, o presidente da assembleia desenvolveu três pontos: que esta celebração, sem ser festiva, também não é mórbida, pois tem de ser relacionada com a de Todos os Santos para descobrir que a nossa meta é a vida em plenitude no reino de Deus; que este é um dia de recordação, absolutamente indispensável numa sociedade que até se esquece dos vivos e dos familiares e muito mais dos defuntos; e que este é também o dia da sabedoria, pois esta ajuda-nos a colher das experiência da vida e descobrir que a força e o vigor não duram sempre.

A este propósito, o senhor bispo afirmou: "*Ao olharmos, por exemplo, para os nossos pais, vemos que foi a sua força que protegeu a nossa debilidade quando éramos bebés. Agora, são eles os fracos e nós, para já, os portadores da força. Mas, evidentemente, a fraqueza maior é a da morte. E aí, nenhuma pessoa é suficientemente forte para poder fazer alguma coisa pelo outro. Mas é-o Jesus Cristo. É Ele quem estende a mão e nos chama para junto d'Ele. E como que nos diz: «Por ti, eu passei pela morte para que tu possas viver a plenitude da vida eterna. Dá-me a mão. Vem comigo para o paraíso». Caros militares e civis, não neguemos a nossa mão a essa Mão que vem ao nosso encontro para nosso benefício*".

A Cruz e o Papa "compassivo"

Com data de 28/08 e assinada pelo Secretário de Estado, Card. Pietro Parolin, o senhor Bispo recebeu uma carta de agradecimento pela oferta de uma cruz que o Ordinariato Castrense fez ao Papa Francisco, aquando da sua passagem pela Base Aérea de Monte Real, na sua peregrinação a Fátima.

Eis o que se refere a essa oferta: "*Venerado D. Manuel, no passado dia 12 de maio, feliz por ter o Papa Francisco no Ordinariato Castrense, quis oferecer-lhe a significativa escultura (em cristal, realizada pela Vista Alegre) duma Cruz de esquinas buriladas, para não ferirem os ombros de quem a carrega e contorcida, como que em sintonia com os espasmos do Crucificado, nela se espelhando o pontificado do Santo Padre com o seu coração compassivo que o levou peregrino até ao Santuário de Fátima no centenário da primeira Aparição da Virgem Mãe*".

No dia do Patrono

"Seja a PSP agente da cultura do encontro"

A tradição é antiga e o desejo de a continuar é notório: a Polícia não se esquece de celebrar o seu Patrono, o Arcanjo São Miguel.

Como de costume, a 29 de Setembro, a grande e bela capela da Unidade Especial de Polícia, em Belas, encheu para a Missa do Padroeiro. Nela participaram altas chefias de comando (actuais e antigos) e representantes do Ministério da Administração Interna. A guarda de honra ao altar foi confiada aos alunos do Instituto Superior de Ciências Policias e Segurança Interna e o brilhante coro, formado por polícias do COMETLIS e da Direcção Nacional, assegurou a participação litúrgica.

D. Manuel Linda presidiu e fez uma homilia centrada na campanha "*Partilhar Viagem*", pouco antes lançada pelo Papa Francisco, ao qual se associaram as 165 "Caritas" existentes no mundo, entre as quais a Portuguesa. Falou no aumento exponencial das migrações, mormente as dos refugiados, e na diversidade cultural do nosso mundo, cada vez mais «aldeia global». Mencionou o que isso representa de oportunidades, mas também como está a ser geradora de medos irracionais.

A respeito deste tema, referiu: "*A Polícia, quer pelo seu âmbito eminentemente citadino, local onde essa diversidade racial e cultural mais se faz sentir, quer pelo seu contacto com os grandes dramas humanos, deve estar mais sensível para aqueles que chegam até nós na esperança de alguma «salvação», pois deixam para trás apenas destruição e morte. Saibamos demonstrar e fomentar grandeza de alma, antídoto de toda e qualquer xenofobia e racismo que invoca minúsculas partículas de verdade como se essa fosse a verdade total. A humanidade tem inscrito nos seus genes a ideia da mobilidade. Se assim é, saibamos estreitar relações entre migrantes, refugiados e comunidades locais. E saibamos promover essa «cultura do encontro», tão necessária neste tempo de individualismo feroz, a única que é causa e fruto da abertura do coração e da mente*".

Preparou a celebração o único Capelão ao serviço oficial da PSP: o P. João Fanha.

"Os dois amores" de São Nuno de Santa Maria

Na tarde do dia 6 de Novembro, memória litúrgica do «herói e santo», primeiro aniversário da inauguração da sua estátua, prestou-se-lhe merecida homenagem.

Do programa oficial do evento, destaque para a presença de representantes de todos os Ramos das Forças Armadas, da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública e de muitas entidades civis. A guarda de honra foi assegurada por cadetes das três academias militares e elementos, a cavalo, da Unidade de Segurança e Honras de Estado, da Guarda Nacional Republicana, ostentavam réplicas das bandeiras nacionais desde a fundação da nacionalidade até hoje.

A cerimónia decorreu no topo da Avenida do Restelo, em Lisboa. Constou da colocação de uma coroa de flores e alocuções alusivas à efeméride: uma evocação histórica pelo TCor Pires Lousada; um testemunho pelo Bispo das Forças Armadas e de Segurança; o encerramento, pelo Presidente da Comissão, D. Nuno Van Uden.

SERVIR A DEUS SERVINDO O POVO

Na sua intervenção, com o título "Os dois amores" de São Nuno de Santa Maria, D. Manuel Linda falou no modelo de sociedade preconizado por aquele que serviu o povo como Condestável, como deputado às cortes de Lisboa e como esmoler do Carmo e criador do «Caldeirão», uma espécie de «sopa dos pobres» da altura. E mostrou como servindo o povo, serviu a Deus, pois, como diz a Sagrada Escritura, ninguém pode dizer que ama a Deus, que não vê, se não a amor o próximo, que vê".

Segundo o senhor bispo, esse modelo de sociedade, baseado da doutrina humanista da «Margna charta» inglesa, assentava nos seguintes pressupostos que continuam a ser válidos para os dias de hoje: "*um sistema jurídico ajustado à defesa do que hoje chamaríamos os direitos, liberdades e garantias, evitando, assim, a arbitrariedade do poder executivo e as possibilidades de fugas à lei; liberdade humana assente em alguma possessão económica –propriedade privada- a ponto de distribuir as suas imensas propriedades pelos antigos companheiros de armas e pelo povo; elevação moral do tonus moral da sociedade, traduzido nos grandes valores do cristianismo, quais sejam a solidariedade, a paz, a participação, a colaboração e o despojamento interior e exterior; e o esforço de a todos unir num sadio projecto colectivo, em detrimento do divisionismo dos «temas fracturantes», que também já os havia naquele tempo*".

O PERIGO DO ABSOLUTISMO AINDA ESPREITA

D. Manuel Linda fez a contraposição entre este modelo eminentemente humanista e o absolutismo de Estado, que já se antevia naquela altura. Referiu o século XX como o mais trágico, em virtude desse absolutismo (comunismo soviético, fascismo e nazismo) e ressaltou que esse perigoso absolutismo não desapareceu. Basta ver o que se passa com o tema da educação: o Estado considera as escolas privadas como subsidiárias do sistema público de ensino, quando deveria ser exactamente o contrário. É que histórica e axiologicamente, a sociedade é anterior ao Estado. Doutra forma, o Estado passa a ser senhor da vida e da morte da sociedade.

BrigInt (Coimbra) recordou São Nuno

A iniciativa partiu da Capelania e o Comandante acolheu-a imediatamente: recordar o «herói e santo».

No âmbito das comemorações da memória litúrgica de S. Nuno de Santa Maria (D. Nuno Alvares Pereira), realizou-se, a 6 de Novembro, uma conferência pelo Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, catedrático da Universidade de Coimbra, sobre o tema: " *Os três rostos de Nuno Álvares Pereira: Guerra, Poder e Religião*". Decorreu no auditório da Brigada de Intervenção, em Coimbra e nela participaram muitos militares e civis.

É Capelão o P. José Marcelino Pereira.

Cecchignola: D. Manuel Linda preside a celebração de militares italianos

De 8 a 10 de Outubro, o Ordinário Militar para Portugal presidiu à procissão da Senhora de Fátima e visitou várias "Casermi" do Exército italiano.

O convite tinha sido feito pelo capelão da cidade militar de Cecchignola, Don Salvatore Nicotra, e secundada pelo Arcebispo das Forças Armadas de Itália, D. Santo Marcianò. Neste núcleo vivem, de facto, mais de 4.500 militares e suas famílias, num total de mais 10.000 pessoas. E lá, é bem viva a devoção à Senhora de Fátima. Por isso, o Conselho Pastoral quis que fosse o Bispo das Forças Armadas de Portugal a presidir a uma celebração religiosa na qual sobressai o nome de Fátima e o contexto militar.

O programa iniciou-se com a Missa solene na grande capela da cidade militar. No final, acompanhada por uma fanfarra, fez-se a longa procissão. No regresso à capela donde tinha saído, os muitos participantes realizaram o acto de consagração, tal como acontece diariamente em todos os actos litúrgicos do Santuário de Fátima.

NO SEMINÁRIO CASTRENSE

Nesse mesmo dia, D. Manuel Linda visitou e jantou com o Seminário Castrense. Há, de facto, dentro desta estrutura militar, uma "*Scuola Allievi Cappellani Militari*" que, neste momento, é frequentada por nove seminaristas e mais dois jovens em processo de discernimento vocacional.

Este Seminário é dirigido por um Reitor e um Vice-Reitor. Os alunos têm o apoio logístico habitual da estrutura militar, como qualquer cadete em formação, e frequentam a Pontifícia Universidade Lateranense. O Bispo português foi obsequiado com três ícones referentes aos três centuriões que se referem no Novo Testamento: o que pediu e obteve a cura do seu servo; o que primeiro professou a fé no Filho de Deus, no acto da crucifixão; e o que convidou São Pedro para sua casa, em Joppe. Foi, também, convidado a assinar o livro de honra.

O CONHECIMENTO DA REALIDADE ITALIANA

Os outros dias foram passados em acções litúrgicas e de contacto com os vários Regimentos. Para além de uma audiência com o Comandante da cidade, GEN Mário Sumatra, visitou demoradamente o "*6º Reggimento Genio Pionieri*", uma espécie do nosso Regimento de Apoio Militar de Emergência. Após um briefing, no qual foi ressaltado o extraordinário contributo destes mais de oitocentos militares nos frequentíssimos terramotos em Itália e nos incêndios, D. Manuel Linda visitou os parques de maquinaria, algo que impressiona pela qualidade e quantidade, ou não estivéssemos na Itália.

Noutras instalações, tomou contacto com o que se passa entre os militares. Eis algumas ideias salientes: não se tem verificado dificuldade em contratar jovens para os vários âmbitos do Exército (desde os soldados aos cadetes da Academia); o primeiro contrato dura, apenas, três anos e pode ser renovado até ao máximo de sete; nota-se uma acentuada crise familiar entre os militares; por causa desta e o que isso acarreta a jusante (pagamento de pensões de alimentos, perda da casa, ausência de suporte afectivo, etc.), são cada vez mais os graduados que vivem sozinhos em instalações militares e, por vezes, com grandes carências económicas; esta situação obrigou à intervenção da Caritas diocesana que trabalha em rede nas suas várias instalações e com outros organismos similares; estas dificuldades económicas favorecem a tentativa de obter dinheiro fácil nos jogos online, o que leva a mais dívidas e se está a revelar como verdadeira catástrofe, particularmente entre os jovens que têm mais dificuldade de autocontrolo.

A COROAÇÃO DA IMAGEM DA SENHORA DE FÁTIMA

O novo jornal diário italiano "La Croce" pediu e publicou uma longa entrevista ao Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança de Portugal, sinal do relevo concedido a estes actos.

A visita terminou com o almoço oferecido pelo General Comandante desta cidade militar de Cecchignola, no qual participou o seu Estado-Maior. Antes, porém, na capela deste Quartel-General, decorreu a cerimónia de bênção de uma imagem da Senhora de Fátima, sua entronização e coroação.

Para além de um importante conjunto de relações humanas, de conhecimentos mútuos, de partilha de experiências, ficou a promessa de se estudar a hipótese de participação de militares italianos na nossa peregrinação nacional a Fátima.

Bênção dos símbolos do Comando

É um momento emotivamente vivido e participado por familiares e amigos dos novos oficiais: em sessão solene, faz-se uma celebração da Palavra de Deus e invoca-se a sua graça sobre os futuros Comandantes da Guarda para que "*no exercício da missão de, como oficiais da Guarda, defender e respeitar os direitos e a dignidade humana, sejam firmes na fé, inabaláveis na esperança, diligentes na solidariedade, respeitadores das diferenças, tolerantes e compreensivos nas relações interpessoais, sinceros na humildade, fortes no sofrimento, pacientes na adversidade, solidários na prosperidade e promotores da liberdade, da paz, da tranquilidade, da segurança e da verdadeira justiça*".

Este ano, a cerimónia decorreu no emblemático espaço das ruínas do Carmo e contou com uma presença especial: a do Presidente da República.

Preparou a cerimónia o Capelão Adjunto para a GNR, P. Agostinho Freitas.

Papa confia militares e polícias a Nossa Senhora

Em carta dirigida a D. Manuel Linda, datada de 28 de Agosto e assinada pelo Secretário de Estado do Vaticano, o Santo Padre agradece as deferências que se lhe prestaram, aquando da sua peregrinação a Fátima, e escreve: "*«Obrigado - disse o Santo Padre – por vos associardes a mim nesta peregrinação vivida na esperança e na paz. Desde já desejo assegurar a quantos estais unidos comigo, aqui ou em qualquer lugar, que vos tenho a todos no coração. Sinto que Jesus vos confiou a mim e, a todos, abraço e confio a Jesus, "principalmente os que mais precisarem" – como Nossa Senhora nos ensinou a rezar (Aparição de julho de 1917). Que Ela, Mãe doce e solícita de todos os necessitados, lhes obtenha a bênção do Senhor!» (Saudação na Vigília, 12/V/2017). Saibam pois, os membros das Forças Armadas e das Forças de Segurança de Portugal e quantos os assistem espiritualmente, coordenados pelo Ordinário Castrense, que o Papa Francisco os confiou à Virgem Mãe: «Sob o seu manto, não se perdem; dos seus braços, virá a esperança e a paz que necessitam» (Homilia da Eucaristia, 13/V/2017) e de que é penhor a Bênção Apostólica que lhes concede, extensiva aos respetivos familiares*".

Lisboa homenageou o P. Correia da Cunha

A 24 de Setembro, no preciso dia em que se comemorava os 100 anos do nascimento do Padre José Correia da Cunha (1917-2017), Lisboa homenageou-o.

O programa foi delineado e promovido por um grupo de amigos. Começou pela celebração da Missa em São Vicente de Fora, sede da Paróquia que ele pastoreou. Foi presidida por D. Joaquim Mendes, Bispo Auxiliar de Lisboa que assinalou o "*rasto de luz deixado por este sacerdote, particularmente no amor à liturgia, aos jovens, às famílias, à Marinha e aos Marinheiros, à sua cidade de Lisboa*".

De seguida, ao som da Banda da Armada e após discursos, o Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello retirou a bandeira que cobria o busto do homenageado, na presença de altas figuras do meio militar e da sociedade civil.

O Ordinariato fez-se representar pelo seu Vigário Geral, P. José Ilídio Costa, pois o P. Correia da Cunha foi um dos «pais fundadores» da assistência Religiosa à Marinha.

Na BNL (Alfeite):

Apoio a pessoas mais carenciadas

Na Base Naval de Lisboa, há um espaço dedicado à ação social e à solidariedade, que apoia atualmente militares mais carenciados mas também situações de emergência das mais variadas proveniências.

"Ainda há algum tempo foi muito material daqui para Pedrógão Grande, roupas, cobertores, edredons, coisas prontas para ser utilizadas pelas pessoas que tinham perdido os seus haveres", conta à Agência Ecclesia o padre Licínio da Silva, recordando a tragédia dos incêndios que continua bem presente.

De acordo com este capelão, os dias desta valência ligada ao setor de assistência religiosa são de um permanente vaivém de pessoas e de bens. "*Estão sempre a chegar e a ir, quer para pessoal nosso, militar, quer para outras pessoas e instituições que sabemos que necessitam*", salienta.

Este projeto de ação social começou a ganhar forma ainda no tempo do padre Manuel da Costa Amorim. "*Isto era utilizado para a catequese, para as crianças filhas dos militares e dos civis que pertenciam aqui à Base. E o padre Amorim transferiu a catequese para outro lado, abrindo aqui espaço para uma a ação social*", recorda o capelão Licínio da Silva.

Em stock estão também móveis, utensílios para a casa, livros e brinquedos para as crianças, que vão chegando à medida da caridade de cada um. A organização deste projeto conta com o apoio de diversos voluntários, que selecionam os bens e organizam os objetos para a expedição, por idades e tamanhos no caso das roupas ou dos brinquedos.

JCP (Ecclesia)

Relação com os MEP:

"Diferentes, mas não inimigos"

A 16 de Novembro, os Militares Evangélicos de Portugal promoveram uma "Conferencia sobre Liberdade Religiosa nas Forças Armadas e Forças de Segurança".

Segundo o programa, a finalidade era: "*Refletir a importância e a atualidade das questões espirituais de militares e policias no seu exercício profissional e o respeito pela consciência individual num contexto de liberdade religiosa e como garantir a laicidade versus religiosidade numa sociedade pluralista*".

Para além da participação de diversos capelães católicos, o P. António Borges, da Academia Militar, foi convidado para apresentar uma cominicação, bem como o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, a quem foi distribuído o tema "O capelão como ajuda ao comando".

Para além da referência ao que o capelão deve ou não deve fazer no contexto das Unidades, D. Manuel Linda acentuou o motivo da sua participação: "*Somos diferentes, mas não inimigos. Aliás, o único inimigo está bem identificado: é o agnosticismo prático ou aquela «suave apostasia» que leva tantos dos nossos contemporâneos a esquecerem-se de Deus e a viver imersos no mais crasso materialismo, fazendo-se auto-referencia para si próprios e, consequentemente, não superando uma ética behaviorista de estímulo-reacção*".

Na Missa pelos defuntos:

"Revesti-vos da armadura de Deus"

A tradicional Missa pelos defuntos das Forças Armadas e das Forças de Segurança foi celebrada nos Jerónimos, a 3 de Novembro. Marcaram presença altas patentes, dirigentes dos Ministérios da tutela e muitos militares e polícias.

O coro, instrumental e terno de clarins era da Guarda Nacional Republicana. Como sempre, a guarda de honra ao altar foi prestada por cadetes das Escolas Militares de Ensino Superior e do ISCPSI. Há, ainda, a registar alunos do Instituto dos Pupilos do Exército como acólitos. Presidiu D. Manuel Linda e concelebraram praticamente todos os Capelães da Zona Pastoral de Lisboa.

Porque várias pessoas o pediram, publica-se, de seguida, a homilia do senhor bispo.

"O BOM COMBATE DA FÉ"

A oração que fazemos é pelos nossos mortos; mas a mensagem da Palavra de Deus é para nós, os vivos. Para a compreensão desta mensagem, vou situar-me na primeira leitura da Missa de hoje (2Mac 12, 39-45).

IDENTIDADE NACIONAL E FÉ EM JUDAS MACABEU

O século II antes de Cristo foi conturbado, fundamentalmente, devido à expansão dos selêucidas que conseguiram um vasto império, da Pérsia ao Mediterrâneo, e tentaram a imposição de um modelo de cultura que se opunha à judaica. É neste contexto que, num misto de ardor de fé e defesa valorosa da identidade do seu povo, Judas Macabeu formou um exército para se lhe opor. E a campanha foi bastante bem sucedido, pois os judeus conseguiram resistir razoavelmente.

Mas numa batalha contra um tal Gorgias, morreram vários judeus. Quando iam proceder aos seus funerais, verificaram, com espanto, a existência de amuletos e ídolos nas vestes dos caídos, coisa perfeitamente abominável aos olhos da religião judaica, portadora de inúmeras regras fortemente zeladoras do monoteísmo. Neste contexto, vendo que os seus homens «morreram em pecado», o General Judas ordena uma colectar para que, com esse resultado, se ofereçam sacrifícios de expiação no templo de Jerusalém.

MILITARES E A FÉ NA RESSURREIÇÃO

Esta narrativa revela-nos três coisas sumamente importantes para a nossa fé cristã, pois nós também somos «filhos» da fé judaica: que a oração consegue o perdão dos pecados e a «aproximação» do defunto a Deus; já que os mortos, agora, não a podem realizar, compete aos vivos fazerem essa oração de intercessão por eles; pela primeira vez na história da revelação, de forma explícita, afirma-se a crença na ressurreição. Note-se, pois, que é em contexto militar que se professam estas verdades da fé, que entram no nosso credo.

Mas esse acontecimento histórico dá-me pretexto para uma reflexão mais alargada sobre a interligação entre vida militar e vida da fé. Necessariamente, de forma quase telegráfica.

A «LEGÍTIMA DEFESA» DE DEUS E DO SEU POVO

O Antigo Testamento reconhece, de facto, a «guerra santa». Mas nunca por motivos de expansão. Nem sequer da fé. Na prática, só poderia ser uma guerra de defesa: como só Israel era considerado o povo de Deus, opor-se ao povo era a mesma coisa que opor-se a Deus. Consequentemente, defender o povo era exercer o «santo ofício» de «defender» Deus. Quão longe estamos de perspectivas actuais que recorrem a esta noção para «imporem» os seus domínios, sejam estes da fé ou simplesmente ideológicos ou económicos!

O PRINCÍPIO DA REALIDADE

Como seria de esperar, o Novo Testamento ainda vai muito mais longe. Equaciona-se o que é perfeitamente do domínio humano e o que o é do divino. Sob o ponto de vista sócio-político, tudo converge para o que poderíamos denominar a regra do bom senso ou o princípio da realidade: se as nações livres e independentes não se protegessem com a força militar correriam sérios perigos, porquanto nada limitaria a ganância dos Estados predadores. De mais a mais, seria impossível imaginar a vida organizada e pacífica sem os militares e as rudimentares estruturas das leis, dos tribunais e das penas. No passado como no presente, o bem comum passa por aqui. Por isso mesmo é que não encontramos no Novo Testamento qualquer desaprovação da vida militar, não obstante os portadores desta condição, na prática, serem os agentes que impunham a política de Roma, tremendamente corrupta.

Não obstante isso, os militares –e hoje, também os polícias- estão sujeitos a desafios éticos especiais, tais como honestidade, integridade e protecção dos mais débeis. Políbio reassume esta ética ao declarar: "*Os Centuriões escolhem-se por mérito e, por isso, são homens extraordinários, não tanto pelo seu valor audaz, mas sim pela sua sensatez, constância e fortaleza de espírito*". Repare-se: os comandantes são extraordinários. Mas não tanto pela sua preparação física ou científica: são grandes pelas virtudes e pelos valores que os enformam. O Novo Testamento coincide completamente com esta visão pagã, pois todos os que lá referidos são louvados porque «tementes a Deus» e homens de carácter. Por vezes, também se diz que são esmoleres.

A «BATALHA» ESPIRITUAL

Isto sob o ponto de vista estritamente humano. Porque no relativo à espiritualidade do «reino de Deus», as coisas ainda se elevam mais. "*O meu reino não é deste mundo*", garante Jesus a Pilatos. E se não é deste mundo, deve ter critérios distintos. Por isso, algumas horas antes, quando vão prender Jesus, Pedro tira a espada da bainha e chega a cortar a orelha de um empregado do governador, um tal Malco. Mas logo Jesus intervém e admoesta Pedro: "*Mete a espada na bainha. Não hei-de beber o cálice de amargura que o Pai me ofereceu?*" (Jo 18, 11). E diz a tradição que fez o contrário de Pedro: este cortou a orelha e Jesus repo-la no lugar.

Não obstante, particularmente em S. Paulo, fala-se muito em armaduras, guerras e batalhas. Porém, não uma guerra travada contra os outros, muito menos de invasão. Mas sim uma guerra espiritual, travada contra nós próprios. Sim, o inimigo que imprta vencer encontra-se dentro de nós mesmos: é o nosso comodismo, a nossa falta de fé ou as obras que dela devem nascer, a nossa insolidariedade, enfim, o peso que nos atrai para a terra em detrimento das asas espirituais.

A «ARMADURA DE DEUS»

Vale a pena transcrever um longo texto em que tudo isso é ressaltado e com uma beleza literária exclusiva de um autor intelectualmente brilhante, como São Paulo, e um verdadeiro apaixonado pela fé em Jesus Cristo. Escreve ele para um grupo de cristãos e, por eles, para todos nós: "*Tornai-vos fortes no Senhor e na sua força poderosa. Revesti-vos da* ***armadura de Deus****, para terdes a capacidade de vos manterdes de pé contra as maquinações do mal. Porque não é contra os seres humanos que temos de* ***lutar****, mas contra […] o mundo de trevas, contra o espírito do mal. Tomai a* ***armadura de Deus*** *para que tenhais a capacidade de resistir [..]. Mantende-vos firmes, tendo* ***cingido os vossos rins*** *com a verdade,* ***vestido a couraça*** *da justiça e* ***calçado os pés com as perneiras*** *da prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Acima de tudo,* ***tomai o escudo*** *da fé, com o qual tereis a capacidade de apagar todas as* ***setas incendiadas*** *do maligno. Recebei ainda o* ***capacete da salvação*** *e a* ***espada*** *do Espírito, isto é, a palavra de Deus. […] Sede* ***sentinelas vigilantes*** *com toda a perseverança e com preces…*" (Ef 6, 10-18).

Pois é. Este é o combate ao qual somos chamados todos os dias. Este é o combate que combateram, por exemplo, o soldado Sâo Sebastião, o militar e rei de França São Luís, a comandante Santa Joana d'Arc e o condestável São Nuno Álvares Pereira. Combateram e venceram. E nós?

Manuel Linda

Na celebração do seu «Dia»:

Um Exército de "salvaguarda da pessoa e sua dignidade"

O Exército tinha planeado comemorar o seu dia festivo na cidade de Guimarães. Mas porque o Governo decretou luto nacional em memória das vítimas dos incêndios, em sinal de solidariedade, suspendeu todas as atividades previstas para essa comemoração. Manteve-se, apenas, a celebração da Eucaristia de ação de graças e de sufrágio dos seus combatentes.

Para além de se rezar pelos defuntos, incluindo as vítimas dos incêndios, também se pediu a Deus mantenha o nosso Exército naquela linha, que o tem caracterizado, de fidelidade aos valores inegociáveis da paz, da segurança, da liberdade não só da nação portuguesa, mas mesmo do mundo em geral, como disso dão provas as missões que desempenha em muitos lugares do mundo.

Preside à celebração da Missa o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança. Marcaram presença o CEME, o Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, muitos militares e civis e a Venerável Ordem Terceira de São Francisco, que cedeu a belíssima igreja.

O SERVIÇO DA LIBERDADE E DA VIDA

Na homilia, D. Manuel Linda, comentou a passagem do evangelho que refere a relação da fé com o poder, a propósito da expressão "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". E referindo-se ao Exército: "*Não sendo um instrumento religioso, embora nele haja muitíssimos crentes, também é mais qualquer coisa que um simples produto social. Pelo menos, nunca poderá ser um instrumento do poder ou da conservação do poder pelos corruptos e pelos ditadores. E quando olhamos para a realidade de alguns países, lá para as Américas ou para o Extremo Oriente, interrogamo-nos se todos os Exércitos do mundo têm as mãos limpas. Tem-nas o nosso, graças a Deus, porque sabe que nem existe para se servir a si mesmo nem para servir poderes: a sua função é defender a vida e o bem das pessoas, assegurando-lhes condições de defesa, de liberdade, de paz e até colaborando nas situações de extrema gravidade e perigo como, por exemplo, nas buscas, salvamentos, situações de catástrofes, incêndios, etc. Dentro e fora do país. É preciso que todos saibam que há militares portugueses em várias partes do mundo, em tarefas de alto risco, que têm prestigiado o nome de Portugal e têm salvo inúmeras vidas humanas e assegurado condições de dignidade e de segurança a milhões de pessoas. Penso, por exemplo, na República Centro Africana*".

IGREJA E EXÉRCITO

E porque a Igreja celebrava o Dia Mundial das Missões, o senhor bispo acentuou a correlação entre o voluntariado das missões católicas e a excelência das «missões de paz» desempenhadas pelo Exército um pouco por todo o mundo: umas e outras exprimem o compromisso pelo bem comum, particularmente dos mais débeis e dos simples. Bem que se obtém de muitas maneiras, fundamentalmente pela via da prevenção e da dissuasão perante as forças do mal, aquelas que, em nome da ideologia professada, sacrificam ferozmente milhares ou milhões de inocentes.

E terminou, proclamando: "*Celebramos este Dia do Exército em Guimarães, aqui onde «nasceu Portugal». Nasceu fruto de uma vontade do povo, acarinhada e promovida pela Igreja, e que encontrou nas armas a forma de defender essa determinação colectiva de liberdade. Povo, Igreja e Exército constituem, portanto, um tripé onde assenta o ideal da Pátria, onde repousa a ideia de portugalidade. Que ela se mantenha, tendo como sublime objectivo o bem comum nacional e mesmo mundial*".

Receção de novos alunos

É já uma tradição, carinhosamente mantida: as capelanias das «universidades» militares e policial promovem esta forma de integração e convívio.

Na linha da rotatividade, este ano, na tarde e noite de 26 de Outubro, foi a Academia Militar, quem recebeu os novos alunos das suas congéneres: Escola Naval, Academia da Força Aérea e Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Ao todo, quase duzentos futuros comandantes da Marinha, Exército, Força Aérea, Guarda e Polícia participaram neste encontro de conhecimento mútuo e adaptação.

Na presença dos Comandantes dos diversos Corpos de Alunos, muitos Oficiais e Professores, dos Capelães Adjuntos e dos das Academias, para além de momentos musicais, no grande auditório, deram-lhes as boas vindas o Comandante da Academia Militar e o Bispo das Forças Armadas e de Segurança. O Gen Vieira Borges referiu o processo de mudança do ensino superior a partir de Bolonha e acentuou a dimensão humanística e comportamental que modela e acompanha a componente mais especificamente científica. Por seu lado, D. Manuel Linda deu-lhes os parabéns por haverem vencido as difíceis provas de selecção, pediu-lhes «resiliência» para estes cursos que vão exigir muito deles e apresentou-lhes as capelanias como "*serviço que não se imporá a ninguém, mas que deseja ser mais um factor de ajuda, no meio de tantos outros, e que quer caminhar ao vosso lado e convosco*".

Após o jantar, os cadetes reuniram com os capelães que lhes apresentaram as capelanias e seu funcionamento.

Como costuma acontecer, os novos alunos avaliaram esta acção de forma muito positiva.

Marinha solidária

Graças a Deus, a onda de solidariedade que se gerou por causa dos incêndios é tal que, mais uma oferta, não constituiria notícia. Mas o que faz a notícia é que essa onda não diz respeito só aos outros: também os militares e civis da Marinha entraram nela.

Assim, sob a coordenação do Capelão da Base Naval de Lisboa, P. Licínio Silva, a Comunidade de Nossa Senhora do Mar e a Comissão de Pais do Agrupamento 586 do CNE (Palhais) recolheram um camião de produtos vários, mas todos de inegável utilidade: louças, roupas de cama, utensílios de cozinha, camas de bebé, sofás, etc. Dado curioso: as abelhas também não foram esquecidas.

Esta ajuda foi entregue à população de Lageosa do Dão, no passado dia 17 de Novembro.

Ordinariato celebrou cinquentenário do I Curso de Capelães

A 23 de Outubro, memória litúrgica do Patrono dos Capelães, São João de Capistrano, o Ordinariato Castrense celebrou o cinquentenário do primeiro curso de capelães, acontecido em 1967, e convidou os «veteranos». Muitos marcaram presença.

"*É com muita saudade e certa nostalgia que estou aqui. Apreciando a formação militar, porque as nossas Forças Armadas ainda são um pouco da reserva moral deste país. As Forças Armadas são uma grande instituição*", disse o padre Delmar Barreiros à Agência Ecclesia.

A formação decorreu na Academia Militar, em Lisboa, entre 21 de agosto e 17 de setembro de 1967, com 58 sacerdotes com o posto de «Aspirante a Oficial»: 50 foram destinados ao Exército, 4 à Força Aérea e 4 à Marinha.

CAPELÃES COMO SERVIDORES

O bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, que presidiu à celebração de homenagem, disse que, ao longo destes 50 anos, os sacerdotes procuram "*acompanhar as pessoas na realidade que viviam. Primeiro na Guerra Colonial, depois naqueles tempos belos, sem dúvida, mas conturbados do 25 de abril e agora com a restauração da democracia, com a plenitude da paz, pelo menos aqui no nosso meio*", exemplificou.

D. Manuel Linda referiu que a Igreja Católica procura estar no meio militar e das forças de segurança "*como pessoas creditadas para as ajudar*" a caminhar na "*via da salvação integral*". Segundo o bispo que acompanha o Ordinariato Castrense, para um padre ser bom capelão militar é preciso ser um homem presente "*no sentido da empatia, saber conviver, estar com os seus homens e mulheres, jogar com eles, saber estabelecer diálogo*". Desta forma, o coração dos homens e das mulheres que servem as forças armadas e de segurança "*derrete*" e quando isso acontece "*abre-se a uma dimensão superior*", a da Transcendência.

A capelania é espaço de "*primeiro anúncio, de contacto com a fé*" e o prelado revela que "*estava longe de imaginar*" que iria administrar tantos sacramentos de iniciação cristã como "*está a acontecer*".

UM PROGRAMA VARIADO

O programa constou de recepção e convívio dos antigos com os actuais capelães, um «briefing» no qual se mostrou a realidade actual da AM, celebração da Missa, homenagem aos defuntos e almoço de convívio. Evidentemente, não faltou o bolo de aniversário, partido, com garra, pelo capelão mais antigo e pelo mais novo.

Foram vários os antigos capelães que quiseram participar numa acção de formação, dirigida aos capelães no activo, sobre aspectos canónicos do matrimónio, apresentada pelo P. Jorge Almeida, Capelão da BA6, e tida como "excelente".

HM/CB (Ecclesia)

No 150° aniversário da PSP:

Cadetes transportam o andor da Senhora de Fátima

Como se sabe, é uma longa tradição que os alunos da Academia Militar transportem o andor da Senhora de Fátima nos dias 12 e 13 de Maio de cada ano. O mesmo desejavam os cadetes do ISCPSI, mas tal nunca lhes tinha sido concedido. Neste ano de 2017, no encerramento das comemorações do centenário e quando a Polícia de Segurança Pública cumpre cento e cinquenta anos de bom serviço à causa da sociedade, finalmente, foi concedido aos seus futuros oficiais o prazer de transportarem o andor, embora ainda não em regime de exclusividade. Espera-se que esta concessão comece a fazer hábito.

Evidentemente, esta participação nas cerimónias de Fátima realizou-se em regime de absoluta liberdade.

43º Curso: dois capelães para servirem o Exército

Ao mesmo tempo que se comemoravam as bodas de ouro do primeiro curso de capelães, dois padres ficaram habilitados para servir o Exército.

O curso terminou no dia 27 de Outubro com uma sessão solene presidida pelo Comandante da Academia Militar, GEN Vieira Borges e com a presença do Director do Curso, formadores, capelães Adjuntos e Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

Para além de uma variada componente lectiva, os dois sacerdotes cadetes passaram, em «estágio», por todos os Ramos, pelas Forças de Segurança e pela Capelania Mor.

Por proposta do senhor Bispo, o **P. Bruno André de Melo Espínola**, da Diocese de Angra, foi colocado no Comando da Zona Militar dos Açores, para o serviço nessa Região Autónoma, com excepção da Ilha Terceira, onde o P. Moisés do Couto Rocha continuará a servir a Base Aérea Nº 4 e o Regimento de Guarnição Nº 1. O **P. Jorge Manuel Couto Gonçalves**, da Congregação dos Padres Dehonianos, assume o Colégio Militar, acumulando com a Capelania do Regimento de Comandos (Serra da Carregueira).

Ecclesia: Número monográfico dedicado às capelanias militares

A Agência noticiosa católica produz, também, um semanário. O de 27 de Outubro de 2017 foi dedicado aos 50 anos da assistência religiosa castrense. Pode ser consultado em http://agencia.ecclesia.pt/semanario/revista/232/#/page/1.

Jornalistas da Ecclesia acompanharam, ao longo de todo o dia, o encontro promovido pela Capelania Mor, na Academia Militar, para assinalar as Bodas de Ouro do primeiro curso de capelães. O resultado é um trabalho de fina sensibilidade que, a partir de testemunhos, mostra o valor desta pastoral especializada da Igreja que está em Portugal.

Foi também produzido um documentário em vídeo, emitido no programa "A Fé dos homens, na RTP1.

No ISCPSI: Não é fácil ser religioso. Mas é belo!

O Dia do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna ocorre a 15 de Outubro. Mas, este ano, como caía num Domingo, foi transferido para Segunda.

Do programa, fazia parte a tradicional Missa de acção de graças e de invocação

do Espírito Santo para o novo ano académico, agora iniciado. Este ano, pela primeira vez, presidiu D. Manuel Linda. Foi na igreja das Flamengas, mesmo enfrente a esta Escola Superior de Polícia. Presentes o Director e outros membros da Direcção, elementos do corpo docente, cadetes e funcionários.

Na homilia, para além de lhes agradecer a participação nas cerimónias do treze de Outubro, em Fátima, o senhor bispo falou na dificuldade de conciliar fé com ciência, a propósito de Dan Brown que, em Lisboa, proclamava que «a ciência ia matar Deus». E afirmou: "*Mas esta ideia não é nova. Pelo contrário: assim expressamente formulada já data de há, pelo menos, duzentos anos. O senhor Brown poderia estar mais actualizado ou ser mais original. Não obstante, exprime a grande dificuldade do momento: ser culto, estar em posição de chefia e não renegar a fé. É que, entre nós, se não há perseguição violenta aos católicos, é frequente um certo cinismo, uma oposição generalizada, quando não um ataque ideológico bem definido. Mas o nosso tempo é testemunha de um renascer do religioso. Sinal de que, também aqui, a natureza tem horror ao vácuo espiritual. De facto, não é fácil ser religioso. Mas é belo!*".

É capelão da PSP e preparou a celebração o P. João Fanha.

BA5 perpetua memória da passagem do Papa Francisco

A 28 de Setembro, quase meio ano depois da memorável passagem do Papa Francisco pela Base Aérea de Monte Real, foi descerrada uma lápide para assinalar a efeméride.

O senhor Bispo juntou-se ao Comandante da Unidade, COR João Caldas, e de representantes de todas as classes e do Conselho Pastoral para, solenemente, assinalar a presença de tão ilustre hóspede na capela desta Base: precisamente o Papa Francisco, o qual, como é sabido, aqui veio rezar, cumprimentar as pessoas, assinar o livro de honra, benzer objectos religiosos e receber as ofertas com que a Força Aérea o quis obsequiar.

Aliás esta capela regista na sua história outros momentos gloriosos e únicos: foi por ela que, praticamente, entrou em Portugal o Papa (actualmente, Beato) Paulo VI. E foi também nela que se recolheu em oração São João Paulo II antes de partir para o Santuário de Fátima.

Na Missa que antecedeu o descerramento da placa, D. Manuel Linda referiu "*o contributo desta Base para a difusão, no mundo, da mensagem de Fátima. É que, se os últimos Papas não tivessem creditado com a sua presença as aparições de Nossa Senhora, certamente haveria muita mais dificuldade em levar ao conhecimento universal o «recado» que nos chegou do Alto. Mas, curiosamente, todos os Papa –com excepção de Bento XVI- passaram por aqui, por esta BA5. Esta Base coloca-se, assim, como espaço e meio que a história fez interligar com a mensagem de Fátima. Ela obtenha as bênçãos divinas, até porque tem prestado este relevantíssimo serviço à fé e à Igreja*".

Na UAGME: convívio com os outros e com o grande «Outro»

A 20 de Outubro, cerca de uma centena de antigos militares e suas famílias, reuniram-se na Unidade de Apoio Geral de Material do Exército (Benavente) para o tradicional encontro do "Grupo da Capela".

Esta designação deve-se a um facto simples: quando, por 1995, a Unidade deixou a zona ribeirinha de Lisboa, para aí se construírem as estruturas da «Expo 98», verificou-se que, nas novas instalações, acabadas de construir, não havia capela. Então, um grupo de militares meteu mãos à obra e adaptou um espaço que é, hoje, a bonita e funcional capela desta Unidade.

D. Manuel Linda presidiu à Missa. Na homilia frisou o valor deste convívio: "*Numa sociedade fortemente individualista, o sabermos encontrar-nos e sorrir em conjunto, já possui um valor quase religioso. Mas, no meio do convívio humano, saber «conviver» com Deus constitui a dimensão máxima da nossa fé. Cultivem sempre, portanto, esta dupla dimensão. Aliás, uma como que supõe a outra. Se acontecesse somente o convívio humano, ficar-se-ia na mera dimensão horizontal. Com a referência ao «Divino», entra-se também na vertical ou transcendental. E como acontece com as representações, a tridimensionalidade é muito mais real que as simples «duas dimensões*".

No final da Missa, procedeu-se ao descerramento de uma placa alusiva ao encontro. E, na despedida, o Comandante, Cor Amorim Ribeiro, ofereceu ao senhor Bispo uma «cresta» com o brasão de armas da Unidade.

É capelão -muito apreciado- desta UAGME o P. Jorge Almeida, que acumula com outras Unidades da Força Aérea, Ramo ao qual pertence.

Cicloperegrinação ao Santuário do Loreto

Decorreu, a 13 e 14 de Outubro, a primeira cicloperegrinação militar ao Santuário de Nossa Senhora do Loreto, em Alcafozes.

A ideia partiu de um grupo de entusiastas dos passeios de bicicleta da Esquadrilha de Helicópteros da Marinha, que pretenderam homenagear, deste modo, a Padroeira Universal da Aviação, no ano em que se comemoram os 100 anos da Aviação Naval.

O percurso uniu a Base Aérea nº6, do Montijo, a Alcafozes. Antes da partida, na capela, os peregrinos receberam a bênção pelo capelão Jorge Almeida

Entrevista ao La Croce

"O mal, a destruição e a morte não serão a última palavra da história"

A 10 de Outubro, o diário italiano LA CROCE publicou uma longa entrevista com o Ordinário Militar para Portugal a propósito do centenário das aparições de Fátima. De seguida, transcrevem-se algumas passagens, em tradução para o português.

La Croce: Sob o ponto de vista da fé e da paz, que é que mudou no mundo com a mensagem de Fátima?

Manuel Linda: Infelizmente, no bem, não houve as mudanças desejáveis. Nos inícios do século XX, a mentalidade dos dirigentes estava fortemente centrada no materialismo, no positivismo e ate no ateísmo. Era o ponto de chegada mais alto do iluminismo do século XVIII. Claro que, nessa cultura, Deus não tinha direitos de cidadania. Por isso, como sabemos, ao conceito filosófico de "morte de Deus" seguiu-se a efectiva "morte do homem" de que as guerras mundiais constituíram expressão.

É neste contexto que se insere Fátima. As aparições constituem uma advertência materna, uma intervenção amorosa do Céu em favor da humanidade, um recobrar de esperança numa mundo que precisava dela. E é por este motivo que a Igreja tanto valoriza estas aparições.

Possui real importância para o mundo uma mensagem dirigida a pastorinhos que nem ler e escrever sabiam?

Em Fátima existe um texto e um contexto. O texto é o diálogo da Senhora com Lúcia. É feito num registo pueril. Doutra forma, os Pastorinhos não entenderiam nada. Mas o contexto é altamente teológico. Logo na primeira aparição, os videntes sentem-se envolvidos, física e existencialmente, "na luz de Deus". E eles dão-se conta de que a paz, as boas relações sociais, a fraternidade universal somente se podem construir no âmbito desta luz. Quando se fala em penitência, conversão e oração, particularmente a favor dos pecadores, aponta-se para esta nova ordem de valores.

Eis, pois, a "actualidade" de Fátima: ela faz memória de um tempo que não importa repetir (as atrocidades da primeira grande guerra) e é profecia de uma nova relação com Deus, origem e garantia de uma outra atitude existencial para com os irmãos.

Há quem diga que o «segredo de Fátima» ainda não foi completamente revelado…

Para além do que já foi revelado pela Santa Sé, tudo o que se diga sobre o segredo de Fátima é pura especulação. E nós sabemos que há mentes pouco sadias. Particularmente neste tempo de medos e ameaças mundiais. Mas fiquemos tranquilos: todo o segredo foi já revelado e na sua totalidade.

Num dos escritos da Irmã Lúcia diz-se que se Portugal aprovasse o aborto teria muito que sofrer. E Portugal aprovou-o como, praticamente, em toda a Europa…

Hoje não há fronteiras no que diz respeito à cultura política e à de massas. Por isso mesmo, infelizmente, entre nós acontecem as mesmas propostas políticas de toda a Europa no que diz respeito ao que chamamos "temas fracturantes". Um deles é esse.

O que a serva de Deus Lúcia escreveu é a sua percepção moral, a sua maneira de ver as coisas. E numa linguagem, certamente, figurada. Não se trata de uma revelação divina. Ninguém veio, do Céu, dizer-lhe isso. Como tal, tem o valor que tem: uma chamada de atenção de uma alma piedosa, uma advertência para o abaixamento do tónus moral da sociedade. Mas não uma "ameaça" do Céu.

O Papa emérito, Bento XVI, escreveu que "Fátima não terminou". Será que se referia a alguma ameaça?

Os Papas e os teólogos têm acentuado que a mensagem de Fátima se reporta à essência do Evangelho: a conversão, a penitência e a mudança de vida. Ora, como o Evangelho é para sempre, também o mesmo se pode dizer a respeito de um acontecimento que, mesmo privado, se refere ao centro da Boa Nova da Salvação. Por isso, tem razão o Papa Emérito ao referir que a mensagem de Fátima não terminou.

Mas fala-se em inferno, "bispo vestido de branco" martirizado, etc. Não há, aqui, referência a ameaças de destruição, a coisas pavorosas?

Tal como na Revelação divina, também a respeito da mensagem de Fátima tem de haver um progresso na sua compreensão: hoje não é possível vê-la com a mesma ingenuidade de há cem anos. Fátima esta a ser objecto de estudos teológicos e científicos de todo o género. Ora, um dos aspectos mais colocados em relevo é que a visão catastrófica é mais típica da mente popular, dos simples, do que do centro da mensagem revelada aos Pastorinhos. Esta, o centro da mensagem, é mais admoestação e ânimo maternal do que ameaça de castigo ou declaração de um final dramático. Por algum motivo, as aparições formais terminam com o chamado "milagre do sol", quando o sol "dançou". Esta dança é sinal de festa, de final feliz, de namoro entre o céu e a terra.

Que mensagem nos pode deixar sobre Fátima?

Creio que tudo se pode resumir àquele brado que o Papa Francisco entoou em Fátima, há precisamente meio ano: "Nós temos Mãe!". Sim, nós temos uma Mãe que nos garante o triunfo do amor de Deus nos dramas da história! Nós temos uma Mãe que, qual «Mulher» do Apocalipse, nos defende do poder do mal pela lógica do refúgio em Deus. Nós temos uma Mãe que nos apela à missão de "rezar pelos pecadores", isto é, de sairmos do nosso individualismo para fazermos dos outros participantes na mesma fraternidade universal mediante a comum paternidade divina, obtendo, assim, a paz.

Nós temos uma Mãe que é já o cumprimento da promessa da Salvação.

Não estamos sós! O mal, a destruição e a morte não serão a última palavra da história, mas sim Deus e a vida em plenitude que Ele oferece misericordiosamente.

Mensagem de Advento / Natal

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 1

3. Então que fazer? A nossa consciência fornece-nos a resposta. Não obstante, permiti que refira alguns aspectos. Apenas como sentido de ajuda.

Como sabeis, o nosso projecto pastoral deste ano anda à volta dos jovens. Para além da urgentíssima tarefa de os animar na fé ou até de a transmitir àqueles que a não têm, há aspectos que passam despercebidos e que reclamam a nossa atenção. Neles se verificam mais «carências» do que seria de esperar. Eis algumas: futuro incerto devido à precariedade do trabalho; dependências várias, particularmente dos jogos online; sedentarismo, com a consequente incapacidade de verdadeira relação; dificuldade de aguentar os níveis de stress, cada vez mais elevados nesta sociedade competitiva; maturidade emocional tardia, de forma que o amor é mais intenso que duradouro; divertimento associado a excentricidades; atracção geral pelo risco e pelo radical; etc.

Se isto acontece, que fazer? Todos e cada um nos devemos comprometer com algo de concreto. Apelo aos pais, de uma forma especial, para que acautelem isto nos seus filhos e se aproximem mais deles.

Que o nosso Advento/Natal não se reduza a aspectos meramente evocativos ou folclóricos. Mas que a «espera» consistente do salvador nos comprometa com a instauração do Reino de Deus e nos leve a balbuciar a prece activa: "Vinde, Senhor Jesus".

A todos, bom Natal e feliz ano novo.

Manuel Linda

Organizada Viagem à Itália

No sentido de fomentar o espírito de grupo, o conhecimento mútuo e a formação da fé, vai decorrer uma visita a lugares simbólicos para o cristianismo e para a cultura.

Será de 5 a 11 de Abril de 2018. Nessa viagem, visitar-se-ão locais emblemáticos para a cultura, tais como Veneza, Florença, Siena ou Roma e outros ligados às duas grandes ordens religiosas nascidas em Itália: beneditinos e franciscanos. Nestes últimos, inclui-se o santo mais «universal»: o nosso Santo António.

Assim, a nível da Ordem Beneditina, ir-se-á Sassovivo e Núrsia. Quanto aos franciscanos, passar-se-á por Pádua, onde está sepultado Santo António, e Assis, terra natal de São Francisco e onde ele agora repousa.

Mas a grande meta será Roma. Teremos a oportunidade de visitar as três grandes «camadas» da cidade eterna: a Roma pagã, a Roma clássica cristã e a Roma do Renascimento. Visitaremos a igreja nacional portuguesa, que poucos conhecem e é uma verdadeira jóia de arte: a igreja de Santo António dos Portugueses em Roma. E terminaremos com chave de ouro: participação na audiência geral das quartas feiras do Papa Francisco.

As inscrições terminam a 29 de Dezembro. Às pessoas do Norte será facultado transporte (gratuito) Porto-Lisboa-Porto.

Informações na Capelania Mor (Telef. 213 038 642).

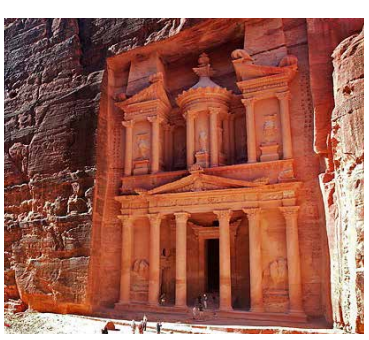
Marinha recolhe ajuda para São Tomé e Príncipe

No âmbito da cooperação militar e das relações institucionais, Portugal vai oferecer à República de São Tomé e Príncipe o NRP Zaire, navio patrulha que já data de 1971. A entrega está prevista para 28 de Dezembro. Vai acompanhá-lo o abastecedor NPR Bérrio.

Atendendo à possibilidade de carga que estes navios poderão transportar, as suas tripulações lembraram-se de um gesto de solidariedade que só enobrece quem teve a ideia: recolher produtos que se possam oferecer às populações locais. Assim, em coordenação com o capelão, P. Licínio, aceita-se ofertas de roupas de vestir e de cama, livros, brinquedos e outros objectos ainda em razoável estado de conservação.

As ofertas poderão ser entregues na capela da Base Naval de Lisboa, no Alfeite, ou noutro local, se acordado com o Capelão.

Peregrinação à Terra Santa

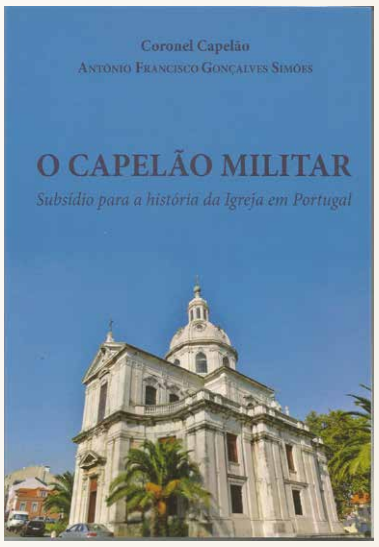


Decorrerá entre os dias 1 e 9 de março de 2018.

Esta peregrinação vem de encontro ao desejo manifestado por várias pessoas, face ao «êxito» de uma outra, realizada em Março passado (2017). Mas inclui uma novidade: a Jordânia para, entre muitas outras coisas, ir a Petra, Património da Humanidade, e ao Monte Nebo, local simbólico, pois foi daí que Moisés avistou a Terra Prometida sem, entretanto, nela ter entrado.

Neste momento, as vagas disponíveis são menos de uma dezena. Informações na Capelania Mor (telef. 213 038 643; capelania.mor@defesa.pt).

P. Simões publica o "Capelão Militar"



Antigo Capelão Adjunto para a Assistência Religiosa no Exército fornece importante contributo para a história do Ordinariato.

A obra saiu no preciso dia em que, na Academia Militar, se assinalavam as «bodas de ouro» do primeiro curso de capelães. Com o subtítulo de "*Subsídio para a história da Igreja em Portugal*" e a chancela das Edições Paulinas, a obra do P. António Simões possui uma componente autobiográfica, mas também apresenta outros capítulos que fornecem dados importantes para a história de uma Igreja que se faz presente nas situações em que os seus fiéis se encontram.

Esta publicação vem juntar-se a outros estudos monográficos e constitui fonte de documentação para uma obra científica, indispensável, sobre o Ordinariato Castrense para Portugal.

P. Amorim recordado no 2º aniversário da sua morte

A 16/10, na igreja da Memória, juntaram-se muitos capelães e amigos para recordar o saudoso P. Manuel da Costa Amorim, durante largos anos capelão Chefe do Serviço de Assistência Religiosa e Reitor dessa igreja. D. Manuel Linda presidiu à Missa.

Faleceu antigo Capelão Chefe da Força Aérea

Nascido a 4 de maio de 1925 e falecido a 22 de Outubro de 2017, o Cónego Pires de Campos exerceu o seu ministério sacerdotal como Capelão da Força Aérea, Reitor do Santuário de Cristo-Rei, e Vice-Reitor do Seminário de São Paulo em Almada. Presidiu à celebração de Exéquias o Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente.

P. Santiago: contribuiu "para a eficiência e prestígio" da AM

Este distinto capelão, agora ingressado na GNR, recebeu extenso e notável louvor por parte do Comandante da Academia Militar, instituição que serviu exemplarmente ao longo de três anos.

Além de referir as muitas actividades da sua iniciativa, a dado momento, escreve-se: "*Destaca-se particularmente o imparável dinamismo e invulgar espírito de missão que bem caracterizam este Militar Sacerdote, patente na dádiva de si próprio a todos os que dos seus préstimos necessitaram, num plano pessoal, ou institucional, agilizando processos, facilitando as relações inter-*

pessoais e cumprindo tarefas das quais era incumbido, sempre no profundo respeito das normas e demais leis em vigor, conciliando na perfeição as obrigações castrenses e religiosas às quais se encontra vinculado".

O GEN Vieira Borges ressalta, ainda, as "*valiosas e singulares qualidades […] a humildade e fino trato*" do Capelão Santiago, razões pelas quais é "*merecedor de ser apontado como exemplo a seguir e de que os serviços por si prestados sejam considerados como tendo contribuindo significativamente para a eficiência, prestígio e cumprimento da missão da Academia Militar e do Exército*".

Ordinariato «dá» mais dois Diáconos Permanentes

No último domingo de Setembro, dia 24, o Arcebispo de Évora ordenou 18 novos Diáconos Permanentes. Dois possuem a condição militar. São eles: **Óscar Ferreira Lopes,** Major da Força Aérea Portuguesa na situação de reforma, e **José António Farias Mértola,** Cabo da Guarda Nacional Republicana, no activo.

Estes Diáconos destinam-se ao trabalho pastoral naquela Arquidiocese alentejana. Alegramo-nos com mais esta «oferta» do Ordinariato à Igreja que está em Portugal.

Composição da Cúria Diocesana

A frequente mudança das pessoas que servem a Capelania Mor obriga à alteração da Cúria Diocesana do Ordinariato Castrense para Portugal. Assim, por decerto canónico de 31 de Outubro de 2017, o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança deliberou:

– reconduzir o **P. José Ilídio Costa** no ofício de Vigário Geral;

– reconduzir o **P. Jorge Lages Almeida** no ofício de Vigário Judicial;

– nomear o **P. Fernando Manuel Monteiro** Chanceler da Cúria;

– nomear o **SAj Joaquim Manuel Marçalo** vice-Chanceler da Cúria;

– designar o **CAB FZ João Paulo Conceição** Secretário da Cúria;

– designar a **GPR Célia Maria Monteiro** Notária da Cúria.

O P. Fernando Monteiro passa, também, a Director do boletim oficial "O Centurião".

AGENDA

Principais actividades programadas

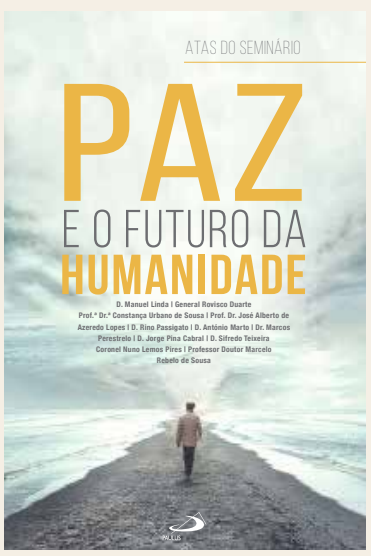
Dezembro

07 – 1ª Quinta: encontro dos Capelães na igreja da Memória
12 – Celebração de Natal da Guarnição Militar da Madeira e na Estação de Radar Nº 2 (Paços de Ferreira)
13 – Conselho de Consultores e Missa e Ceia de Natal dos Capelães
14 – Celebração de Natal da Direcção-Geral de Recursos da Defesa Nacional e na Academia Militar
15 – Celebração de Natal na Escola Naval
16 – Celebração de Natal na Estação de Radar Nº 1 (Fóia)
18 – Celebração de Natal no Comando geral da GNR, no Estado-Maior da Força Aérea, no Comando Aéreo e no Aeródromo de Manobra Nº 1 (Figo Maduro)
19 – Celebração de Natal na Escola das Armas (Mafra)
20 – Celebração de Natal no Presídio Militar (Tomar)
23 – Celebração de Natal na Estação de Radar Nº 3 (Montejunto)

Janeiro

04 – 1ª Quinta: encontro dos Capelães na igreja da Memória. Missa no Forte do Bom Sucesso
15 – Conselho de Consultores
15 a 18 – Retiro dos Capelães (Fátima)
19 – Reunião Geral de Capelães

Publicação das Atas



Quando este número chegar às mãos dos leitores, provavelmente já terá saído a público o livro com as atas do Seminário "Paz e futuro da humanidade", realizado na Academia Militar, a 31 de Maio de 2017.

Nele se recolhem todos os textos aí pronunciados. A obra tem a chancela da Editora Paulus.

Distribuição Gratuita • Nota de redação: a inclusão de notícias é da responsabilidade dos Centros de Assistência Religiosa dos Ramos/Forças • Diretor: P. Fernando Manuel Afonso Monteiro • Redação: Capelania-Mor, Capelães Adjuntos das Forças Armadas e das Forças de Segurança.